

*“O Jornal Nacional e as Eleições Presidenciais de
2002 e 2006”*

Uma tese de Florentina das Neves de Souza

Pedro Luiz de O. Costa Bisneto

13/09/2007

0. Sumário

1. Dados Gerais	2
1.1 Banca Examinadora	2
2. Exposição da Tese	2
3. Comentários da Banca Examinadora	4
4. Deliberações	9
5. Comentários Pessoais	9
6. Entrevista	10
7. Pós-Banca	11
8. Referências	12
8.1 Filmes e Documentários	12

1. Dados Gerais

Defesa de Banca – Doutorado / Universidade de São Paulo

Doutoranda: Florentina das Neves de Souza

Tema: “O Jornal Nacional e as Eleições Presidenciais de 2002 e 2006”

Data: Sexta-feira, 31 de Agosto de 2007 / **Horário:** 14hs

Local: Sala de Defesa de Teses – ECA/USP – São Paulo-SP

1.1 Banca Examinadora

- Prof. Dr. Laurindo Leal Filho (Orientador – ECA/USP)
- Prof. Dr^a. Vera Chaia (PUC-SP)
- Prof^a. Dr^a. Ivete Roldão (PUC-Campinas)
- Prof Dr. Adilson Citelli (ECA/USP)
- Prof. Dr. Luís Fernando Santoro (ECA/USP)

2. Exposição da Tese

A defesa de tese da doutoranda Florentina das Neves de Souza foi feita em *PowerPoint* com a exibição de alguns vídeos e matérias do jornal televisivo mais conhecido do país, o Jornal Nacional – ou simplesmente, *JN*. A tese demonstrou que o jornal em questão manteve um discurso tendencioso na cobertura jornalística das eleições presidenciais de 2002 e 2006, discurso esse que, assim como em 1989, tinha o objetivo de favorecer os adversários de Luís Inácio Lula da Silva – o famoso *Lula*, atual Presidente do Brasil – nas corridas presidenciais mencionadas.

A doutoranda Florentina iniciou a apresentação contextualizando sua pesquisa como fruto dos anos que trabalhou na redação do JN, aonde observou algumas rotinas que não a agradavam, estes fatos alavancaram sua tese de doutorado realizada na ECA/USP. Fatos que se referiam às pautas conduzidas pela direção e o modo como estas eram impostas: a interferência na produção e no texto dos repórteres, bem como na edição de matérias que eram veiculadas pelo JN. Para exemplificar essas interferências, Florentina comenta um caso que vivenciou uma vez na redação do JN: Willian Bonner, redator-chefe do telejornal,

vetou uma matéria de uma repórter que abordava a questão dos “sem terra”, pois queria que texto original da reportagem, no qual a repórter se referia aos “sem terra” como “ocupantes”, constasse o termo “invasores”. Com a recusa da repórter em alterar o texto, a matéria foi reeditada por ordem de Bonner e o áudio original sobreposto por um novo em que a palavra “invasores” foi adotada. Além disso, Florentina queria saber como se dá a produção e a escolhas das pautas na construção da linha editorial do JN.

Sobre os fatos específicos de sua tese, se o JN de fato manteve pesos e medidas diferentes no tratamento dos principais candidatos à presidência da República em 2002 e 2006, Florentina foi pontual em afirmar através de diversas análises contidas em suas pesquisas, o que incluiu horas e mais horas de gravações e análises de matérias e notícias do JN, utilizando-se, inclusive, de algumas delas durante sua apresentação, que de fato *sim*, houve parcialidade do JN, e exemplificou isso pelos fatos narrados a seguir.

Em 2002, o JN favoreceu o candidato do PSDB José Serra, adotando o discurso do tucano sob a abordagem econômica de que o “Brasil vai virar Argentina” (que naquela época vivia forte crise econômica). À medida que qualquer candidato concorrente a vaga de José Serra para o segundo turno da eleição subisse na pesquisas, ameaçando a posição de Serra e apontando para uma possível vitória de Lula ainda no primeiro turno, o JN passava a veicular matérias desfavoráveis a tal candidato de modo a reforçar a posição de Serra como adversário do petista. Como aconteceu com Ciro Gomes, presidenciável a quem o JN destacou algumas de suas alianças de candidatura com políticos de imagem duvidosa, dando destaque especial às ligações de Ciro com parentes de Paulo César Farias e o próprio ex-presidente Fernando Collor de Melo.

Em 2006, Florentina demonstrou que o JN veiculou diversas matérias desfavoráveis à Lula, entre as de maior destaque, uma série de reportagens sobre o famoso caso do “dossiê anti-Alckimin”, que atrelava Lula a um complô da venda de um falso dossiê com informações prejudiciais ao candidato tucano, o conteúdo desse dossiê, no entanto, era obscuro e foi pouco ou praticamente não reportado pelo telejornal.

A conclusão da pesquisa de Florentina determinou que, tanto em 2002, quanto em 2006, o tratamento *quantitativo* na cobertura jornalística dos candidatos à presidência da República foi equilibrado, mas o *qualitativo* não. Florentina demonstrou que o JN continua

construindo “personagens” em cima da imagem os candidatos de acordo com a sua linha editorial.

3. Comentários da Banca Examinadora

As exposições da Banca Examinadora se iniciaram com as arguições da professora Vera Chaia da PUC-SP, que fez quatro questionamentos básicos em relação à tese da doutoranda Florentina das Neves de Souza:

a) Como avaliar a cobertura negativa sobre o Lula e as crises apontadas pelo JN em função do resultado das eleições (vitória de Lula)?

b) Qual a linha editorial do JN? Ela não muda conforme os interesses, ou o JN só quer polemizar mesmo e assim desqualificar alguns candidatos?

c) A respeito de uma entrevista que consta na tese com Rodrigo Vianna, ex-funcionário de Willian Bonner, demitido da Rede Globo, por que ele teria se voltado contra a emissora após sua saída do JN?

d) Por que o JN foi complacente com a Heloísa Helena da Silva?

Além das questões acima, Vera criticou a falta de um embasamento teórico mais forte ao trabalho, rebateu alguns trechos tais como uma abordagem sobre o Jânio Quadros e complementou enfatizando a carência de certa leitura crítica sobre os depoimentos dos entrevistados que constam na pesquisa, dando a crer que a doutoranda confiou demais nas informações levantadas por esses, entretanto, elogiou as transcrições das entrevistas.

Florentina respondeu às arguições de Vera justificando que algumas entrevistas foram feitas como parte de um estudo preliminar sobre o assunto ainda no período de sua dissertação de mestrado, daí a falta de uma análise mais profunda. Sobre as questões (a) e (b), afirmou que no momento em que se elabora o “espelho” do JN (a montagem prévia do telejornal), é Willian Bonner quem cumpre o papel de *gatekeeper* ao lado de Ali Khamel da editoria de economia, mas a última palavra é sempre de Bonner. Na Internet os textos são alterados e não correspondem aos originais do JN, uma prática que a doutoranda destacou como um dos exemplos de como o JN esconde parte de seu discurso ideológico. Florentina enfatizou que Bonner, hoje, se preocupa mais com o *Big Brother Brasil* do que com o próprio JN. Em relação à questão (c), Florentina revelou que Rodrigo Vianna recusou-se a

assinar um abaixo-assinado em que diversos jornalistas atestavam a isenção do JN na cobertura do caso da empresa aérea GOL, em função dessa recusa Bonner o demitiu sumariamente.

A segunda a argüir foi a professora Ivete Roldão da PUC-Campinas, que elogiou bastante a tese, considerando-a um bom o trabalho, com um texto gostoso de ler, prazeroso e atual. A tese demonstrou “como” o JN faz as coisas (a parcialidade) que todos sabem que ele faz. O problema das entrevistas feitas por Florentina, que não constam como parte da metodologia de pesquisa e no fim adquirem grande peso no trabalho – a utilização exagerada de Rodrigo Vianna – também foi criticada por Ivete. No caso de Vianna, que havia acabado de deixar a Rede Globo – o que implica dizer que ainda guardava certo rancor em relação à empresa –, faltou ouvir o outro lado, ou seja, entrevistar Willian Bonner. De um modo geral, a professora Ivete concordou com as questões levantadas na tese de Florentina, ratificando a proposição de que o JN de fato assume esse papel de desqualificar candidatos (tais como Rosiane Sarney, Heloísa Helena da Silva e Ciro Gomes, citou) e ainda favorecer outros. Ainda assim, apesar de toda a análise demonstrada na tese de Florentina, Ivete deixou no ar uma pergunta: se o JN não teria sido “brando” com Lula em 2006, afinal, durante seu primeiro mandato, o presidente foi solícito com a empresa (Globo) na política da área da radiotransmissão por meio da ABERT (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão) e da Globocabo? Para encerrar, elogiou com entusiasmo a análise de Florentina sobre o candidato Geraldo Alckimin e a construção positivista de sua imagem pelo JN durante as eleições presidenciais de 2006.

Sobre as argüições da professora Ivete, Florentina fez algumas afirmações pertinentes. Começou explicando que o alcance da Globo e do JN são muito fortes no interior do Brasil, em áreas em que o telejornal é praticamente a única fonte de informação disponível, uma posição de liderança e concentração da informação que permite a Globo explorar a força de sua audiência na construção da opinião pública. Segundo Florentina, a Globo “abrandou” com Lula em 2006, assim como “cortejou” Alckimin, com o intuito óbvio de manter suas parcerias e quotas de propaganda governamental. No caso de Heloísa Helena da Silva, enfatizou que a postura do JN foi a de buscar inconsistências na proposta de governo da candidata, explorá-las e contrapô-las a sua plataforma de governo, assim desfavorecendo-a. O JN simplesmente não teve a menor complacência com a candidata.

Em relação à entrevista com Rodrigo Vianna, Florentina atestou que Willian Bonner se negou a dar declarações sobre as colocações do ex-funcionário ou ser entrevistado.

Após um breve intervalo, as arguições voltaram com a palavra do professor Adilson Citelli da ECA/USP. Dirigindo-se à doutoranda de forma veemente, Adilson perguntou: Qual é a sua tese afinal? E complementou questionando se de fato o JN favoreceu ou não algum candidato? Afinal, embora seus adversários tenham sido favorecidos pelo JN, Lula venceu ambas as eleições. Em seguida, Adilson questionou os núcleos organizativos do trabalho: no primeiro, histórico, identificou uma diacronia, achou-o muito panorâmico e, ao mesmo tempo, muito resumido. No segundo núcleo do trabalho, o da pesquisa de dados e entrevistas, identificou a falta de análise qualitativa em relações teóricas e conceituais de forma a expandir mais a reflexão sobre os dados levantados, a análise feita foi insuficiente frente à quantidade de dados levantados, inclusive exemplificando que faltou indicar algumas fontes e autores, faltou aplicar uma *análise do discurso*¹ nas entrevistas, inclusive no fato destacado pela doutoranda quando Willian Bonner adota o termo “invasores” para descrever o movimento dos sem-terra². Adilson adjetivou tal núcleo do trabalho como uma “incompletude de informações”.

Por fim, Adilson comentou o caso da candidata Heloísa Helena da Silva, no qual a Globo haveria “tangenciado” a candidata para enfraquecer Lula e levá-lo para a disputa do segundo turno. Finalizou dizendo que, em sua opinião, o trabalho não responde se de fato a “Globo detonou o Lula ou não” e, ainda, questionou como teria sido a abordagem dos candidatos em outras emissoras.

A aluna Florentina contra-arguiu que a falta de aprofundamento em lingüística apontada por Adilson se justifica pelo fato de não dominar a *análise do discurso* (pois não tem formação em lingüística), dessa forma, o trabalho foi mais empírico, de pesquisa de campo. Sobre o texto, deu ênfase a sua formação jornalística e as diversas observações feitas durante sua carreira como fatores que explicam algumas “gafes” em seu trabalho (como uma menção à novela “O Patriota” da Rede Globo, criticada por Adilson como um dado fora do escopo do estudo, ainda assim explorado pela doutoranda), em função disso, algumas vezes o trabalho acabou extrapolando as margens metodológicas e apresentando

¹ Essas afirmações contrariaram o que havia dito a professora Ivete Goldon, o qual, na prática, a doutoranda havia de fato feito *análise do discurso* mesmo sem apontar referenciais teóricos.

² Ver página 2.

algumas inconsistências em seus núcleos organizativos. Seguindo essa linha, Florentina justificou outros questionamentos políticos levantados por Adilson, tais como as eleições de Orestes Quércia em 74. A visão qualitativa, segundo ela, apresenta duplicidade de sentidos devido à própria duplicidade das amostras, muitas vezes, contraditórias.

Quanto ao primeiro núcleo do trabalho, este foi resumido em função do material levantado para o estudo ter sido muito amplo, daí a “diacronia” apontada por Adilson. E, sobre a veemente questão colocada a respeito de sua tese, Florentina respondeu que “o JN tem papel fundamental influenciando as eleições”.

Os exames da banca finalizaram após as arguições do professor Luís Fernando Santoro da ECA/USP, que gostou muito do trabalho e colocou ênfase na visão jornalística da aluna como uma profissional de telejornalismo. Elogiou a metodologia do trabalho dado *os fins* do estudo. Discordou um pouco da tese proposta no trabalho: como o JN teria papel decisivo e pontual no pleito eleitoral que, na sua visão, sofre várias variáveis? Florentina, então, teria valorizado demais o JN enquanto deveria levar em conta dados sobre a opinião pública. Para Luís Fernando, é **impossível** determinar o peso da influência do JN nas eleições, somente a sua abordagem e o seu posicionamento; e enfatizou que é preciso analisar a repercussão dessas abordagens adotadas pelo JN. Segundo a leitura do trabalho, Florentina demonstra que “acha um absurdo o JN tomar partido das coisas”, mas isso é prática no jornalismo como um todo, inclusive mencionando que a frase “o jornalista tem o dever de ser imparcial” é algo que “não desce à garganta”.

O professor Luís Fernando terminou suas considerações tecendo algumas críticas, expôs que o texto é um pouco impreciso, faltou à doutoranda incluir estudos de credibilidade da TV, comuns na atualidade, ao invés de simples dados de penetração conforme utilizou. Também criticou parte do referencial teórico da tese, mas elogiou a metodologia. Finalizou dizendo que o trabalho não chega a uma conclusão e perguntou: “a Globo determina o apoio ao candidato? Ou segue as tendências de pesquisas e outras mídias?”.

Florentina centrou suas respostas às arguições de Luís Fernando na questão do entretenimento que sitia o jornalismo na atualidade em relação à linha editorial do JN. O JN se coloca como imparcial, cumpre determinações do Superior Tribunal Eleitoral (como na determinação do tempo dedicado à cobertura de cada candidato, por lei, obrigado a ser

igual para cada um), não assume uma posição de forma oficial, mas, na prática, sempre tende para um lado. A própria questão das fontes utilizadas pelo jornal, segundo o que revela Florentina em sua pesquisa, não é feita de maneira adequada e se demonstra, na prática, como um instrumento para favorecer a construção ideológica da linha editorial do JN com relação ao alinhamento político adotado pela Rede Globo. Nesse processo, o JN passa a ser tratado como um veículo de entretenimento – quando não deveria, enfatizou Florentina – utilizando-se do sensacionalismo e da criação de matérias “fabricadas”.

Para encerrar os trabalhos da banca examinadora, o professor Laurindo Leal da ECA/USP, orientador de Florentina, fez algumas considerações pessoais. Enfatizou as dificuldades da doutoranda ao abordar um objeto em movimento, e conciliar o estudo à sua vivência e direta relação com o objeto, o que muitas vezes acaba levando a uma análise passional do mesmo, o “vício” de uma prática profissional jornalística que se reflete nesse estudo acadêmico de três anos, e elogiou o material riquíssimo levantado. “O trabalho escrito é como uma grande reportagem de uma experiente jornalista, e o material levantado, riquíssimo”, elogiou o orientador.

Laurindo refutou algumas afirmações dos membros da banca, enfatizou o papel da imprensa como o “quarto poder” e como as empresas de mídia realmente seguem seus próprios interesses na condução de seus veículos. Nesse sentido, o trabalho tem uma relevância histórica indiscutível. Destacou que a busca metodológica para análise do trabalho foi o grande mérito da orientanda, fator que impôs alta dificuldade durante a pesquisa e superado com brilhantismo por parte dela. Enfim, o trabalho refutou a crença de que o JN não seja mais parcial, que haveria reconstruído a sua idoneidade a partir das farsas de 1984 e 1989. A parcialidade político-tendenciosa do JN é uma tese que foi defendida e comprovada cientificamente no estudo de Florentina.

Após essas palavras, todos se retiraram do recinto para que a banca pudesse analisar o trabalho e chegar ao veredicto final, a sua aprovação.

4. Deliberações

Com toda platéia e a doutoranda fora do recinto, a banca examinadora deliberou por cerca de dez minutos e concluiu as examinações aprovando o trabalho com as ressalvas levantadas. Foi a conclusão esperada para a felicidade de todos no recinto, em especial da, enfim, Doutora Florentina das Neves de Souza.

5. Comentários Pessoais

A apresentação da tese de Florentina das Neves foi extremamente interessante, muito bem explicada e ilustrada, e o assunto abordado foi *deveras* interessante e pertinente, além de ser controverso e polêmico. O seu objeto de estudo, o Jornal Nacional, é particularmente instigante, pois já vem sendo alvo de outros estudos meus no âmbito de Mídia e Política englobando discussões como o professor e diretor do Ibope Inteligência Marcelo Coutinho³ que leciona tal matéria, na qual aborda o JN em diversos estudos de casos, como na fraude eleitoral envolvendo o caso das greves sindicais no ABC paulista em 1979; a fraude contra o candidato Leonel Brizola nas eleições governamentais do Rio de Janeiro em 1982; a cobertura da campanha *Diretas Já* em 1984; e a eleição de Fernando Collor de Mello em 1989 – *cases* em que a Rede Globo e o próprio JN empenharam uma cobertura tendenciosa e manipuladora dos fatos conforme seus interesses ou políticas as quais se alinhava. O assunto da tese de Florentina, assim, é um aprofundamento desses estudos cujas fontes estão nas referências deste relatório. É, também, a sua atualização dentro do contexto mais contemporâneo das recentes eleições presidenciais do Brasil.

Quanto às arguições da banca examinadora, um interessante o debate em seu todo: a questão política envolvida, a visão de cada membro e as respostas da doutoranda. Ficou claro que, apesar das diversas considerações, o trabalho apresentou mais méritos do que objeções. Foi um evento muito esclarecedor e interessante, principalmente devido ao foco em assuntos no âmbito jornalístico em relação à cobertura deste importante marco da sociedade democrática que é a eleição, sobretudo presidencial.

³ Na disciplina “Mídia, Política e Opinião Pública” do curso de mestrado da Faculdade Cásper Líbero (SP), as eleições e o *impeachment* de Fernando Collor de Mello também foram objeto de um seminário ministrado por este relator.

Assistir a banca de doutorado de Florentina limpou a imagem que tal tipo de evento seja “longo e cansativo”, pelo contrário, ao menos nesse caso foi muito tranqüilo e de fácil engajamento, o assunto poderia render mais horas e horas de debate. Imagino que, assim como eu, outros membros da platéia ficaram tentados a fazer comentários sobre o assunto durante as examinações. Enfim, foi muito proveitoso e deixou certeza de que a tese de Florentina das Neves de Souza renderá um excelente livro que, com certeza, leremos.

6. Entrevista

Após o término da banca e a aprovação da aluna, tive o prazer e a honra de manter uma breve conversação com a Doutora Florentina das Neves de Souza. Como comentei no tópico anterior, o Jornal Nacional, assim como a Rede Globo e a figura de Roberto Marinho, foram objetos de estudo em outras ocasiões no decorrer de meus estudos. Dessa forma, confrontei a doutora com algumas questões pertinentes a esses assuntos, o que trouxe valiosas informações em torno do assunto.

Florentina concorda que não houve mudanças na postura do JN em relação aos estudos que fez nas duas últimas eleições presidenciais e a eleição que favoreceu Fernando Collor de Mello em 1989, e ainda disse que a situação agora é mais grave e perceptível pois “aquela manipulação só veio à tona muito tempo depois”.

Lembramos que na eleição de 1989 a questão da escolha do candidato apoiado pela Globo, e a conseqüente construção da linha editorial da emissora, seguiam a vontade pessoal de Roberto Marinho. Marinho, de certa forma, assumia o poder que tinha e dizia que nunca hesitaria em usá-lo em prol de questões que, no seu entender, eram de interesse da nação brasileira. Perguntamos a Florentina como seria, então, a escolha de um candidato por parte da Rede Globo após a morte de Marinho, se existia um “chefe maior” que agora assumia esse encargo e quem seria essa pessoa. Florentina revelou que hoje não existe mais uma figura central, uma referência como Roberto Marinho representava, existem os herdeiros sim, mas ninguém que detenha unicamente o poder na construção da linha editorial da Rede Globo e o próprio JN, hoje isto estaria mais pluralizado. Porém, ao contrário da época em que se podia atribuir o pensamento “ideológico” da Rede Globo à Roberto Marinho, hoje isto estaria mais pulverizado e maquiado, transparecendo uma

neutralidade que de fato não existe. No caso específico do JN, fica claro que Willian Bonner tem papel decisivo na construção da linha editorial do telejornal, seu papel seria, assim, parecido com o de Alberico Souza Cruz em 1989 – o *capataz* de Marinho no JN – a diferença atual, é que Bonner se reporta a uma cúpula e não ao patrono das organizações Globo como fazia Alberico. É essa cúpula que determina a linha editorial do JN, conforme foi demonstrado pela tese de Florentina e as considerações que dela implicam.

A conclusão é que pouca coisa mudou no posicionamento da Rede Globo em relação ao seu posicionamento de interferência no cenário político considerando os *cases* mencionados no tópico anterior, ou seja, desde 1979 no mínimo. A Rede Globo continua utilizando a sua concessão pública de radiotransmissão em prol de seus próprios interesses privados conforme demonstrado pela tese de Florentina.

7. Pós-Banca

A banca de defesa de doutorado de Florentina das Neves de Souza voltou a ser assunto duas semanas após a sua realização pela palavra do professor Laurindo Leal. Como orientador de Florentina, Laurindo chamou atenção para algumas questões levantadas durante a banca e as pesquisa desempenhadas por seus pupilos.

Laurindo destacou dois pontos, em primeiro lugar, em relação à relevância de qualquer pesquisa, seja tese ou dissertação, para que possa se tornar uma publicação ou dar continuidade a outros estudos, sendo útil e/ou aplicável para a sociedade. Neste ponto, é notório que a tese de Florentina possui relevância suficiente para se tornar um livro e ser objeto de referência para novos estudos sobre a Rede Globo e/ou o Jornal Nacional. Em segundo lugar, Laurindo enfatizou a importância sobre as fases de uma pesquisa: hipótese, revisão da literatura, coleta de dados, análise e interpretação. Dentre essas fases, a coleta de dados seria o *filet mignon* da pesquisa. A importância da literatura (ou Estado da Arte) está no fato de apontar quais dados serão necessários para a pesquisa. O cuidado da pesquisa deve estar na análise *qualitativa* dos dados, que é uma faca de dois gumes, tão quanto é importante, é perigosa, deve ser usada com muita “parcimônia”. No caso de Florentina, foi cobrada uma análise qualitativa dos dados levantados por parte da banca, da aplicação de “análise do discurso” sobre as entrevistas que ela realizou, o que requeria um referencial

teórico de Linguística, um terreno que sai do saber exclusivamente comunicacional, daí tornar-se um exemplo de “perigoso”, um terreno que Florentina não explorou e foi cobrada por isso, pois focou a sua análise de dados de forma *quantitativa*. Por outro lado, ainda que carente de maiores embasamentos teóricos, Florentina fez um discurso crítico sobre os dados que levantou, conforme apontou a banca, daí o cuidado que se deve ter, a parcimônia necessária para analisar os dados de uma pesquisa, pois, como bem colocou o professor Laurindo, “não se faz ciência sem crítica, sem duvidar”.

Outros pontos debatidos nesta ocasião foram as questões políticas do objeto de estudo de Florentina, suas implicações em relação ao poder público, o mal uso de concessões públicas e o “quarto poder” representado pelas entidades de mídia. Assuntos de relevância dentro do contexto maior que envolve *mídia, poder e ética*⁴.

8. Referências

CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto – A Imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

LIMA, Venício A. *Mídia, Teoria e Política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

8.1 Filmes e Documentários:

50 Anos de Brasil – Não verás país nenhum como este. Dir. **Cruz**, Selma **Santa**, **Mello** e Sérgio **Motta**. Bank of Boston: São Paulo, 2000.

Jornalismo Sitiado. Curadores: Eugênio **Bucci** e Sidnei **Basile**. Ed. LogOn: São Paulo, 2007.

O Brasil muito além do Cidadão Kane. Dir. Simon **Hartog**. Canal 4 – BBC: Londres, 1993.

⁴ Disciplina ministrada por Laurindo Leal Filho no curso de mestrado da Faculdade Cásper Líbero (SP).